



Os cantadores vão se reunir, na Ceilândia, para ensinar a quem quiser aprender a arte de improvisar

## ‘Viola nordestina sobrevive e será resgatada’

A partir do final de agosto, a Casa do Cantador, na Ceilândia, vai dar início a algo pouco comum: cursos para quem quiser aprender ou aperfeiçoar a arte de improvisar versos acompanhados pela viola nordestina. A intenção é resgatar o trabalho de cantadores que abandonaram ou deixaram a viola em segundo plano após chegarem a Brasília, vindos de estados do Nordeste. Quem não desiste, faz suas cantorias em bares, restaurantes, sindicatos ou até durante greves — os novos espaços que encontram na capital do País. “Aqui uma cantoria boa reúne umas 50 pessoas. No Nordeste, um bom pé-de-parede chega a 500 ou 600”, conta Valdemar de Almeida, artista e professor da Fundação Educacional que coordenará algumas das oficinas programadas pela Casa do Cantador.

“Brasília não é um lugar muito bom para os cantadores. Tem pouco público. Mesmo as pessoas do Nordeste que já estão aqui há muito tempo, perderam os laços com a cultura de lá. Alguns até aceitam a discriminação de pessoas mais do Sul, que muitas vezes vêem o cantador apenas como uma coisa matuta, engraçada”, conta Valdemar de Almeida. “Mas isto está começando a mudar. Hoje, a viola nordestina está sendo resgatada. Está resistindo e até se expandindo no Distrito Federal”, acredita o cantador.

Para o diretor atual da Casa do Cantador, Francisco Assis, um dos principais desestímulos para os cantadores que vêm do Nordeste para Brasília é a mistura de culturas na capital do País: “Aqui tudo se dispersa. Muita gente tem receio ou preconceito de manter suas raízes e alguns até decidem se desligar delas”. Com as oficinas de cantoria, ele espera que muitos ex-cantadores peguem de novo na viola. “Vai ser um trabalho de conscientização. A idéia é fazer eles sentirem, na pele, que vai ter de ser nesta mistura que eles vão voltar a tocar”.

Para quem não perdeu a prática da cantoria, a mistura de culturas encontrada no Distrito Federal é uma realidade cotidiana. “O cantador improvisa de acordo com a platéia. A maior parte são coisas solicitadas pelo povo, e o desafio faz parte da vida do cantador. Então, aqui em Brasília ele vai ter de cantar para um público goiano e mineiro, com todo tipo de tema, da política ao futebol”, conta Valdemar de Almeida.

De acordo com a contagem do diretor da Casa do Cantador, são apenas 15 os cantadores profissionais ou de qualidade que moram no Distrito Federal. Por isso, a idéia para os cursos é a de trazer violeiros do Nordeste para treinar os “resgatados” ou ensinar os iniciantes. Vamos trazer gente boa para cá”, promete Francisco Assis.